

# IDENTIDADE E MEMÓRIA NA OBRA DE HUGO DE CARVALHO RAMOS

*IDENTITY AND MEMORY IN THE WORK OF HUGO DE CARVALHO RAMOS*

Thiago Sanches

## RESUMO

O presente artigo busca entender o processo de fruição e criação do escritor Hugo de Carvalho Ramos na obra *Tropas e Boiadas*. Para essa tarefa, trabalhou-se com a hipótese de que existe uma relação direta entre a memória individual do autor e a construção da enunciação que tenha contribuído para a formação de sua própria identidade e de uma identidade coletiva, desvinculada de quaisquer projetos políticos de cunho regionalista. Por essa razão, dados biográficos foram combinados com uma análise literária que dialoga com as noções de “fronteira” e “contrabando culturais”, inspirados nas noções do sociólogo argentino Ricardo Kaliman e da crítica literária Léa Masina. Ambas as noções também estão presentes na maneira pela qual se tentou fazer a Literatura transitar entre as áreas da História e da Sociologia. Além disso, as reflexões sobre questões que envolvem identidade, presentes em autores como Stuart Hall e Paul Ricoeur, também contribuíram para uma análise transdisciplinar dos contos, causos, lendas, mitos, ditados e provérbios que esporadicamente emanam as vivências, experiências, linguagens e o conhecimento do autor sobre uma região afastada e fronteira como a do sertão de Goiás.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contrabando cultural. Hugo de Carvalho Ramos. Literatura e Identidade. Tropas e Boiadas.

## ABSTRACT

*In the present article we seek to understand the creation and materialization process of Hugo de Carvalho Ramos' work in his book Tropas e Boiadas. To that effect, we worked with the hypothesis that there is a direct relationship between the author's memory and the construction of the enunciation that may have contributed to the formation of both the author's own identity and a collective identity detached from any regionalist political project. For this reason, biographical data were combined with a literary review that is in line with the notions of "cultural frontier" and "cultural oozing", inspired by the notions of the Argentine sociologist Ricardo Kaliman and of the literary critic Léa Masina. Both notions are also present in the way we tried to make Literature brush the areas of History and Sociology. In addition, the reflections on issues involving identity, found in the work of authors like Stuart Hall and Paul Ricoeur, also contributed for a transdisciplinary review of the tales, stories, legends, myths, sayings and proverbs that sporadically display the author's experience, language and knowledge about a remote and borderline region such as that of the State of Goiás (Brazil) backlands.*

**KEYWORDS:** Cultural oozing. Hugo de Carvalho Ramos. Literature and Identity. Tropas e Boiadas.

## INTRODUÇÃO

Quando se debruça sobre a questão da memória, depara-se com duas frentes de reflexão: a memória coletiva, construída por meio de processos históricos e que é compartilhada socialmente; e a memória individual, também fruto do contato das tradições e culturas produzidas socialmente e introjetada subjetivamente pelo indivíduo de maneira híbrida às suas experiências de vida. Na análise literária, quando se busca entender a relação da memória do autor com a enunciação de sua obra e o contexto em que viveu, as mesmas considerações precisam ser feitas, especialmente no momento que se cogita o impacto da obra na formação de uma identidade, como é o caso do presente artigo.

Ao longo do tempo, o Ocidente tem ressignificado tanto o sentido de memória quanto a maneira de encará-la. Na Grécia Antiga, por exemplo, estava associada à mitologia, sendo *Mnemosine*, mãe das musas e protetora de Clio (História) e da Arte, a força que permitia aos poetas recordar do passado e contá-lo aos outros homens. Dessa forma, a memória e a criatividade ocupavam o mesmo lugar de lembrança e inventividade, sendo o registro associado ao seu enfraquecimento por estar exterior ao corpo e, portanto, mais distante do sobrenatural. Em Roma, por sua vez, a memória se conecta com o bom uso da retórica, cuja finalidade era o convencimento e o despertar de emoções em quem ouvia, sem, contudo, lançar mão da escrita. Já na Idade Média, por conta da forte influência cultural do cristianismo, a memória é reforçada por meio das celebrações sagradas, fixadas em datas exatas no calendário gregoriano. Nos tempos modernos, com o advento da vida urbana e de outras necessidades ligadas principalmente às atividades econômicas, cabe à imprensa o registro diário dos acontecimentos e, de certa forma, da seleção da memória. Já na contemporaneidade, fica às redes sociais a incumbência de registrar, compartilhar e até mesmo selecionar memórias.

Em todos esses casos, nota-se essa composição dupla entre memória individual e coletiva, com uma retroalimentação contínua que está no seio das construções identitárias. Assim, torna-se impossível pensar a maneira que os indivíduos enquadram seu passado sem esbarrar em investigações sobre a construção de suas identidades no presente.

No caso de *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos, o momento da enunciação que o autor publica sua obra pode fazer com que ela seja confundida com mais um projeto regionalista comprometido com a construção da identidade goiana integrante da brasileira, seja dentro do romantismo, seja no modernismo.

Contudo, é justamente no rol das memórias individuais que se encontram um distanciamento com essas perspectivas e uma aproximação de uma identidade ligada ao cotidiano, ao viver no campo, ao homem comum, à fronteira e ao sertão. Não se trata de uma nostalgia idealista ou crítica, mas de lembranças que fruem em Hugo, traduzindo-se em arte literária.

## IDENTIDADE E MEMÓRIA: ANTAGONISMOS DAS VISÕES SOBRE GOIÁS NA HISTÓRIA E LITERATURA

Para entender a questão da identidade em *Tropas e Boiadas*, é necessário levar em consideração a reflexão histórica das alternadas visões de pessimismo e otimismo que prevaleceram sobre Goiás, na historiografia, na política ou na produção literária da região (CHAUL, 1997). Além disso, é fundamental compreender a relação da vida pessoal de Hugo de Carvalho Ramos com seu processo criativo, ou, como Paul Ricoeur defenderia, explicar “a própria noção de aplicação da ficção na vida”. Para ele, dessa discussão resulta

[...] que narrativas literárias e histórias de vida, longe de se excluírem, completam-se, a despeito ou por causa de seu contraste. Essa dialética nos lembra que a narrativa faz parte da vida antes mesmo de se exilar da vida na escrita; ela volta à vida segundo as múltiplas vias de apropriação e ao apreço das tensões inexpugnáveis que acabamos de dizer (RICOEUR, 1991, p.193).

Na obra de Hugo, percebe-se a nostalgia presente nas memórias pessoais e uma visão relativamente mais crítica nas entrelinhas das descrições. Não são perspectivas comprometidas com algum viés de alguma natureza, mas, sim, manifestações criativas oriundas da memória individual do autor. Nesse sentido, a memória se manifesta como *Mnemosine*, a musa que recorda e inspira os poetas na dupla atividade de armazenar e produzir histórias. A identidade pessoal, portanto, é nutrida pelas lembranças pessoais que, em partes, são correspondentes a memórias coletivas pelas vivências experimentadas por muitas pessoas que habitam no sertão goiano, corroborando para a formação de uma identidade coletiva.

Esse processo não acontece de maneira intencional, embora muitas vezes tenha sido apropriado por interesses políticos regionalistas que almejavam a construção de uma nacionalidade. No conto “Madre de Ouro”, por exemplo, há um recorte que possibilita um mergulho na memória do autor. Ao apresentar a cidade de Bonfim, antes de descrever uma famosa lenda local, Hugo de Carvalho Ramos deixa aflorar certo saudosismo pela conservação do antigo modo de vida, sem conseguir, no entanto, esconder muito bem a decepção com a situação que, de alguma forma, presenciou:

Como Goiás, a Triste, embala-a o mesmo sono de duzentos anos de Bela Adormecida, com as reminiscências da época da descoberta, as aluviões de aventureiros e desbravadores à cata do rico filão, página heroica do esforço extinto da raça, que à memória apraz reviver.

Escavações profundas, minas ao desamparo, veeiros revolvidos, barrocas solapadas, esboroando-se nas chuvas, velam de melancolia o olhar do viandante que demanda

àquele recanto do Planalto. E à medida que se aproxima de seus arredores, mais vivos e constantes são os atestados do delírio avoengo em esmiuçar, estripando-as, as entranhas da terra, para delas dar cibo e páscigo à sede do luxo, ao esplendor bizantino da velha metrópole, já então em via franca de decadência.

Hoje, minas, lavras, catas, tudo jaz ao abandono. Alveja em montes o pedrouço das formações à beira das estradas; uma coma verde de gordura corre a crista dos valos e carreiros, argilosos e tristes, outrora sacudidos pelo estalo do relho dos feitores e o grito angustiado da escravatura, na lavagem do cascalho. Foram-se os antigos bateeiros da descoberta, extinguiu-se a febre da mineração; ficou, enraizada, uma população pacífica e laboriosa, que faz a prosperidade do município na lavoura, na criação do gado, no comércio das letras, em outras profissões liberais (RAMOS, 1998, p.78).

O mesmo olhar que está valorizando o passado também reconhece que é integrante de uma percepção de exceção quase romântica ou regionalista, na medida em que contrapõe o tom dos lugares mais modernos regados pelo desejo de enriquecimento e pelo novo. O discurso de decadência se prolonga, tendo como combustíveis sentimentos ligados à tristeza e à melancolia, relativamente constantes na obra.

Por outro lado, é impossível ignorar o paralelo final, quase imperceptível diante do desencantamento, que afirma um presente de prosperidade na cidade de Bonfim. É pós-mineração, mas indica a possibilidade de estabilidade e progresso em atividades econômicas diferentes daquelas de um passado glorioso. Hugo possivelmente viveu tudo isso, ou seja, está descrevendo a cidade ou outro lugar acessando suas lembranças e criando uma enunciação mágica de sua memória a qual é quebrada por um sopro de racionalidade: explica que a brilhante bola de fogo, projetada de uma pedra no fundo do Poço da Roda durante a noite, não passa de um cometa interpretado pelo sertanejo de maneira lúdica e que gera a famigerada lenda. Essa característica de elucidação inesperada do maravilhoso é recorrente no livro.

Em outro conto, “Caminho das Tropas”, o narrador-personagem conta um caso de uma suposta assombração num clima próximo do terror. De repente, de dentro da bravura e do medo do âmagô de Manoel, brota a razão em um anticlímax tão cômico quanto surpreendente: a assombração nada mais era que a mortalha em trapos enroscada em cachorro-do-mato que havia escavado a carniça de um defunto mal enterrado.

Embora transpareça que “as visões alternadas entre o pessimismo e otimismo” (CHAUL, 1997, p.11) nas vozes de seus personagens estejam atreladas a projetos políticos típicos do século XX, é preciso pontuar que esse paradoxo antecede as obras regionalistas. Na verdade, remonta aos tempos de ocupação e mineração da região.

Assim, encontra-se uma possível resposta na análise da relação entre a biografia do autor e as estratégias de construção dos textos que, por vezes, de maneira intencional ou não, obliteram ou expõem sua memória. O relacionamento complicado com a mãe, a mudança para o Rio de Janeiro, a saudade do pai e da infância em Goiás, o saudosismo de um estilo de vida mais simples e uma suposta homossexualidade são elementos especulativos em torno de seu suicídio e que corroboram para que se note que a alteração de humores na enunciação da obra é mais resultado de memórias e identidades individuais que fruto de um projeto político articulado.

Suas descrições tão precisas da geografia do sertão goiano, da indumentária, dos gestos e trejeitos de seus personagens remetem o leitor à memória de Hugo. Em muitos contos, após essas revelações descritivas das lembranças virem à tona, entra em cena um *mise en abyme*, que transporta o leitor no caso, na lenda ou história em questão, geralmente numa atmosfera misteriosa que, inesperadamente, será quebrada por aquele sopro de racionalidade, conforme mencionado anteriormente. Nos contos “Mágoa de Vaqueiro”, “Madre D’Ouro” e “Caminho das Tropas”, por exemplo, tal estrutura fica bastante clara, e o mergulho funciona como elemento divisor que motiva o deslocamento da *Menmosine* armazenadora de informações para ativar a criadora, engatilhada especificamente para a prática artística.

Em uma região historicamente tão diversa, muitas vezes descrita como de múltiplas transições (de pessoas, produtos e ideias), o autor costura uma identificação com o sertão a partir de suas memórias íntimas. Sempre invocando um território que, como se sabe, é fronteiriço, ele ajuda o leitor a entender que uma identidade goiana é possível ser pensada a partir de uma perspectiva mais fluida, ligada menos ao regionalismo que à noção de contrabando cultural.

## CONTRABANDO HISTÓRICO-LITERÁRIO

Ao romper a fronteira entre memória e identidade em seu processo criativo, Hugo de Carvalho Ramos muitas vezes recorre a ambientações de divisas territoriais para caracterizar seus enredos e personagens. Nesses pontos, a concepção de identidade baseada no referencial do outro, conforme explica Stuart Hall, pode ser esmiuçada, uma vez que as personagens são manifestações de indivíduos tirados como referenciais da memória do autor. Para ele, a identidade “[...] opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de ‘efeitos de fronteira’. Para consolidar o processo ela requer aquilo que é deixado de fora — o exterior a constitui” (HALL, 2000, p.17, grifo do autor).

De uma forma ou de outra, esses indivíduos se constituíram identitariamente a partir da diferença com elementos exteriores, como o índio,

o espanhol ou o habitante de outro Estado. Assim, entende-se que as fronteiras territoriais se ligam às fronteiras simbólicas que possibilitariam essa outra ideia de “goianidade”. Em “A Bruxa dos Marinheiros”, ao descrever a localização de uma pousada onde vivera uma bruxa, o próprio narrador faz esse meio de campo para o leitor mais atento:

Ali passei eu duma feita pelo arroxear suave de melancólica tarde de fins de verão, quando nos tabuleiros elevados e descampados mal desabrochava ainda a humilde flor-de-maio das campinas, rumo sul e da primeira estação da estrada de ferro, então aos barrancos do Paranaíba, pronta a transpor esse natural obstáculo das divisas estaduanas, e galgar sertão adentro, conquistando, transformando e aniquilando tipos, costumes e aspectos, na marcha arrasadora do progresso, da civilização (RAMOS, 1998, p.7).

Aqui, além da dialética entre os olhares sobre Goiás, conforme explanado anteriormente, as divisas regionais, a ideia de sertão sempre inconstante e a diversidade cultural são colocadas como se estivessem em transição por conta do intercâmbio que o novo proporciona. Dessa forma, uma fronteira cultural se institui, conforme proposta do sociólogo argentino Ricardo Kaliman. Ela se manifesta por meio de dois motivos que se entrelaçam e que, ao mesmo tempo, diferenciam-se: a diversidade em si em um mesmo lugar e a maneira que a hibridização dessas culturas fomenta a transição para uma nova cultura.

Em outras palavras, essa dupla fronteira cultural se dá, primeiramente, pela diversidade observada na configuração da região, com negociantes de outros estados, influências indígenas e quilombolas, além de espanhóis transitando em uma rede de interesses próprios, mas que poderiam engendrar confluências ou diferenças simultâneas que alimentariam as memórias e identidades locais; depois, a referida dupla fronteira se dá pela transitoriedade das diferentes tradições, sucumbindo diante dos solavancos impostos pelo desenvolvimento.

Junto dos relatos de viagens e circulações por fronteiras, a cultura material descrita nos casos também fornece elementos dessa ampla composição da identidade. No texto mais longo da obra, “Gente da gleba”, vários pontos de um perceptível “contrabando cultural”<sup>1</sup> servem para que se sustente a ideia de que tal composição identitária da região se dá por uma fusão oriunda da tradição oral (outra forma de transmissão de memória coletiva), cultural popular ibérica, quilombola, indígena e até paulista, que, nesse caso, remonta aos tempos da ocupação da região mineradora. Na análise da autora Léa Masina, o contrabando material possibilitava a circulação de produtos, pessoas e ideias em diversas fronteiras. Além disso, propõe reflexões sobre produções literárias regionais que conversam com as mais diversas manifestações:

Nesse sentido convém lembrar que a produção literária regional se produz pela fusão de elementos provenientes

<sup>1</sup> Lea Masina nos brinda com a noção de “contrabando cultural”. Ver Masina (1995).

da tradição oral, da cultura popular ibérica, com textos absorvidos de outras literaturas. O que ocorre com o regionalismo pode ser, nesse sentido, considerado uma mudança de clave, resguardadas as ressonâncias dessas passagens (MASINA, 1995, p.840).

Foram selecionados, a seguir, alguns excertos do texto em questão para que seja ilustrado o que se vislumbra na análise da obra:

– Bicho como aquele tive um, quando traquejava na linha de Cuiabá; macho rosado de fiança! Levou-o um arriero por seiscentos bagarotes, notas novinhas em folha, e uma franqueira aparelhada de prata de quebra; e assunta que, mesmo assim, não ficaria contente da barganha, não fora o defeito do macho em meter-se a passarinho nos últimos tempos. Bicho bom! como aquele bem poucos [...] (RAMOS, 1998, p.35).

A referida “franqueira” é uma tradicional faca fabricada na região de Franca. A cultura de São Paulo está tão presente quanto a de Mato Grosso, percebida nos relatos das andanças do comboieiro. Nesses dois exemplos, há regiões historicamente constituídas como fronteiriças, com intenso intercâmbio cultural, inclusive com a antiga América Espanhola.

Outra característica contrabandeada culturalmente é a influência da tradição quilombola em vários trechos da obra. A palavra “Quilombo” aparece sete vezes em “Gente da gleba”, ora com o significado mais tradicional, ligada aos acampamentos escondidos de escravos fugidos, ora com o significado apropriado pelos boiadeiros, ou seja, de um acampamento provisório erguido para pernoitar no meio do sertão: “As divisas do Quilombo desapareciam ao longe, envoltas em neblina e luar; a mula resfolegava, abeirando a passo miúdo da Estiva; um galo tresnoitado arrelhou numa palhoça, além, no fundo da baixada” (RAMOS, 1998, p.36).

Em outro caso contado, mais uma região é resgatada junto de um fato histórico, intercalando identidades entre localidades e um tipo de peão associado ao combate, ou seja, um tipo de jagunço que usa sua arma como seu sustento: “O caso acontecera pouco antes da campanha de Canudos, onde a jagunçada dera pancas ao antigo batalhão cá do Estado, segundo ouvira contar, e um seu mano obteve as divisas de furriel [...]” (RAMOS, 1998, p.36).

Na época, Tocantins não era um Estado da federação, mas a região norte de Goiás que, portanto, fazia divisa com a Bahia. Por isso, a Guerra de Canudos é retratada como algo que respinga do “lado de cá do Estado”, revelando também uma potencial identidade belicista e rústica, descendente dos hábitos e costumes dos primeiros desbravadores das minas esmeraldinas.

Por fim, destaca-se mais um trecho repleto de ingredientes fronteiriços, indígenas e negros que fornecem peças para a montagem dessa múltipla identidade que se procurou entender a partir da memória de Hugo:

Assim rondou o sertão do Caiapó, despistado por um correio que lhe dera uns sinais falsos na estrada de Jataí; e desceu margeando o rio dos Bois, certo já de encontrá-lo no Paranaíba, se se não tivesse o preto embrenhado em Mato Grosso por Coxim, ou escapulado para o outro lado das divisas mineiras, perdidas as pegadas nos centros populosos do Triângulo (RAMOS, 1998, p.62).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caipira, boiadeiro, comboieiro, quilombola, indígena, viajante, vaqueiro, contador de causo, corajoso, fronteiro, supersticioso, enamorado, nostálgico, saudosista, detalhista. É difícil economizar adjetivos para enquadrar a memória goiana que Hugo de Carvalho Ramos identificava. Pode ser que sua estadia no Rio de Janeiro, repleta de saudades e com inúmeros desafios no relacionamento com a mãe, conforme confidencia seu irmão Vitor, tenha alimentado ou potencializado as descrições desencantadas, já existentes muito antes de escrever seu livro. A mesma dificuldade também pode ter engatilhado lembranças boas, de uma juventude relativamente distante, que inspiraram Hugo a contar causos de magia, suspense e certa dose de humor.

Ambos são frutos de um mesmo gatilho, conforme o termo que foi utilizado na análise: para o autor, “decepcionar-se” ou “deslumbrar-se” com Goiás, por meio de sua enunciação, é realizar resgates de memória e provável fuga da vida presente no Rio. Sua arte é a prova de que a identidade coletiva goiana é mais múltipla e fluida que se imaginava, além de atestar que visões dicotômicas podem estar atreladas menos a projetos políticos que oscilações na maneira de se codificar recordações.

## REFERÊNCIAS

- CHAUL, N.N.F. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora da UFG: 1997. p.11-13.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.17.
- MASINA, L. Fronteiras do Cone Sul: limites transcontextuais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA COMPARADA, 3., 1995, Niterói. *Anais [...]*. Niterói: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1995. p.839-846.
- RAMOS, H.C. *Tropas e Boiadas*. Goiânia: Ed. UFG: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1998. p.7-78.
- RICOEUR, P. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papirus, 1991. p.193.

**THIAGO SANCHES** | ORCID iD: 0000-0002-0237-5426 | Universidade Estadual Paulista | Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas | Programa de Pós-Graduação em Letras | R. Cristóvão Colombo, 2265, Jardim Nazareth, 15054-000, São José do Rio Preto, SP, Brasil | E-mail: <thiago\_rodox@hotmail.com>.

**Como citar este artigo/How to cite this article**

SANCHES, T. Identidade e memória na obra de Hugo de Carvalho Ramos. *Pós-Limiar*, v.2, n.2. p.179-187, 2019. <http://dx.doi.org/10.24220/2595-9557v2n2a4525>

Recebido em 12/4/2019, reapresentado em 6/7/2019 e aprovado 1/8/2019.